

Projeto Multimídia Mulheres Invisíveis: a vida na rua pelo olhar feminino¹

Tatiana Reckziegel RODRIGUES²

Desirée de Barros FERREIRA³

Renata Narciso DE MEDEIROS⁴

Ângela RAVAZZOLO⁵

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho apresenta idealização, objetivos, métodos e resultados do projeto “Mulheres Invisíveis”, produzido na disciplina de Projeto de Graduação em Jornalismo II, ministrada no oitavo semestre do curso de Jornalismo da ESPM-Sul. “Mulheres Invisíveis” traz, por meio de uma narrativa multiplataforma, a história de quatro mulheres em situação de rua e seus contextos. O objetivo da reportagem é humanizar a abordagem dada aos temas que estão relacionados à população de rua. A precisão e a propriedade com que os relatos são trazidos se devem às repetidas entrevistas realizadas ao longo da reportagem. O trabalho em texto, fotografia e vídeo externa a realidade múltipla e complexa dessas pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; mulher; multiplataforma; pessoas em situação de rua; reportagem.

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre população em situação de rua nos grandes centros urbanos hoje em dia está estreitamente ligado a debater políticas públicas, ou seja, discutir o que é feito pelo governo com e para essas pessoas. Grande parte das vezes, quem vive nas ruas é visto como um problema de segurança pública ou financeiro. Nas mídias tradicionais, predominam as abordagens voltadas para a limpeza social dos espaços públicos e são raras as vezes que essa população é tratada como fonte sobre a própria situação. A pessoa que vive na rua acaba não sendo vista como um cidadão que tem direitos sobre a cidade e problemas que também deveriam ser uma preocupação do resto da sociedade.

Em Porto Alegre, conforme dados do Cadastro⁶ da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre, em 2011, 1.347 pessoas viviam nas ruas. Dentro desse universo, ainda há outra minoria, a das mulheres. Somente 17% da população de rua da

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Produção Multimídia.

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: tatianreckziegel@gmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: desiree@desireeferreira.com.br.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: renata.ndm@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: aravazzolo@espm.br.

⁶ Disponível em:

http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/cadastro_da_populacao_adulta_em_situacao_de_rua_-_porto_alegre_2012.pdf. Acesso em 20 de abril de 2015.

capital gaúcha é composta por pessoas do sexo feminino. Isso significa que, em 2011, ano do último levantamento, a cidade tinha aproximadamente 230 mulheres nessa realidade.

A partir desse cenário, surgiu o projeto “Mulheres Invisíveis”, que conta a história de mulheres de rua de Porto Alegre. O conteúdo é apresentado em diferentes formatos, de maneira que textos, fotografias e webdocumentário se complementem. O projeto foi elaborado como um protótipo de produto da *Agência Ângulos*⁷. Tanto a agência, quanto a reportagem digital e o livro-reportagem “Mulheres Invisíveis” foram produzidos pelas alunas do oitavo semestre de Jornalismo da ESPM-Sul, de Porto Alegre, na disciplina de Projeto de Graduação em Jornalismo II.

O trabalho aborda a temática a partir dos relatos pessoais das fontes principais, no caso, quatro mulheres que vivem ou viveram nas ruas. Com uma linguagem humanizada, o projeto aproxima o público das vivências dessas pessoas, desconstruindo os estereótipos acerca da população retratada. Família, drogas, violência e vaidade são alguns dos tópicos que permeiam as histórias dessas mulheres.

2 OBJETIVO

A principal intenção do projeto “Mulheres Invisíveis” é fazer com que as mulheres em situação de rua sejam fontes jornalísticas sobre a própria condição. Enquanto a abordagem dos veículos tradicionais retrata a população sob a ótica de um problema urbano a ser combatido, a sociedade se afasta da realidade com que essa população precisa conviver todos os dias. O distanciamento das versões das pessoas em situação de rua limita o debate sobre o tema e preserva estereótipos sobre como elas se comportam, ou sobre o que gostariam para si, por exemplo.

Conforme Lage (2001), os estereótipos são modelos já prontos e de aceitação garantida. “Por isso, bastam alguns pontos em comum para que se funde um reconhecimento. É por esse meio que se instaura a generalidade do particular e as notícias tornam-se exemplo de algo sobre o que há um consenso ideológico” (LAGE, 2001, p.150).

⁷ *Agência Ângulos* é especializada produção de reportagens de imersão multiplataforma que tratam de assuntos que estão à margem dos que são discutidos e pautados pelos veículos de informação tradicionais. O projeto da agência foi criado na disciplina de Projeto de Graduação em Jornalismo II, ministrada no oitavo semestre do curso de Jornalismo da ESPM-Sul

Os estereótipos são parte de um ciclo de conservação das percepções de mundo utilizados também pelo jornalismo para compor a representação social de temas abordados.

Lançar luz sobre as experiências de mulheres de rua descontrói sentidos comuns e humaniza algumas questões importantes: Que dificuldades essas mulheres enfrentam? Como elas foram parar na rua? O que as mantém na rua? E, principalmente, o que elas desejam para si mesmas no futuro? Ninguém é mais capaz de elucidar tais perguntas que as próprias mulheres.

A mídia possui um papel-chave na formação da opinião pública a respeito de temas, tanto os que estão presentes no cotidiano das pessoas, quanto os que causam estranhamento por estarem distantes da realidade dessas mesmas. Por isso, a reportagem investe na narrativa baseada nas histórias de vida de quatro mulheres de rua para apresentar um lado pouco retratado delas.

3 JUSTIFICATIVA

A temática e o estilo de abordagem do projeto são pertinentes uma vez que contribuem para diversificar o debate e humanizar uma parcela discriminada da sociedade. A discussão sobre população de rua é recorrente na mídia sob o viés de problema urbano. Instituições públicas, setor privado e as pessoas em geral opinam sobre como se deve contornar a questão de quem está na rua.

No entanto, a própria pessoa em situação de rua acaba privada do papel de fonte sobre o assunto, tratada como uma versão não considerável do tema. No “Mulheres Invisíveis”, a reportagem adentra o ambiente das ruas, entra em contato com essa realidade e se vale de múltiplos relatos para construir cada uma das histórias que compõe o material multiplataforma. A diversidade de formatos é um recurso empregado no projeto que enriquece a narrativa. Os materiais em texto, foto e vídeo se complementam de maneira que constroem, juntos, uma só história sobre as mulheres de rua.

As mulheres de rua, tanto quanto os homens, são alvo de discriminação fruto do preconceito. Acredita-se, por um senso comum, que quem vive na rua não quer trabalhar, não está em um albergue porque prefere usar drogas, entre tantas outras falsas afirmações que são utilizadas para caracterizar a população de rua. A principal causa dessa distorção

entre imagem e realidade é o distanciamento que a maior parte da sociedade tem dessas pessoas.

O projeto se torna relevante na medida em que retrata essas mulheres como seres humanos que possuem trajetórias complexas e distintas que as encaminharam para as ruas, quais sejam dramas familiares, fraquezas e, ao mesmo tempo, uma força incomum para sobreviver. Não existe uma verdade absoluta sobre as pessoas de rua.

Nesta perspectiva, a abordagem humanizada, que retrata as mulheres uma a uma, respeitando as peculiaridades de suas histórias e fugindo de generalizações empobrecedoras, combate a discriminação. Com menos preconceito e mais pluralidade de fontes incluídas no debate público, as visões que se constroem e as soluções que são propostas para os dilemas urbanos relacionados à moradia tendem a ser mais ajustadas à realidade da população em situação de rua.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A seleção de fontes foi uma tarefa importante para que a apuração e o resultado final do projeto “Mulheres Invisíveis” fossem consistentes. Foram realizadas duas visitas ao Albergue Municipal de Porto Alegre, a assistente social responsável pelo espaço, Vera Lúcia Gomes, foi entrevistada, além do presidente da Fundação de Assistência Social e Cidadania, Marcelo Soares. Com base nessas conversas e em pesquisas documentais prévias, foram definidos alguns perfis prioritários a serem retratados.

A ideia é que elas pudessem representar a diversidade das mulheres em situação de rua. De acordo com Furtado (2013), oferecer diferentes versões ao público é essencial para uma boa reportagem.

Assim, embora os fatos já sejam entregues ao leitor interpretados pelo repórter e pelo editor, amplia-se a livre interpretação de quem lê. O que mais se vê, no entanto, é a presença majoritária de fontes oficiais e de experts nas páginas de revistas. Existem muitas vozes que jamais serão ouvidas ou mostradas pelos jornalistas (FURTADO, 2013, p. 154).

Além de preservar a pluralidade de vozes, é preciso ser criterioso nas etapas iniciais da reportagem. Conforme Fortes (2005), a primeira fase imprescindível para a produção de uma matéria é a pesquisa minuciosa e a seleção de fontes. Para o autor, é

importante não se deter a fontes oficiais e óbvias. Segundo recomenda Fortes (2005, p.40), “nunca parta de princípios pessoais, religiosos, ideológicos ou coisa que o valha para definir o rumo de sua apuração. A boa notícia pode ser retirada de qualquer contexto, ainda que, inicialmente, a circunstância não lhe pareça favorável e os fatos, críveis”.

É sabido que uma grande parcela da população em situação de rua possui algum nível de transtorno psíquico. Assim, desde o início do processo da reportagem, uma das preocupações foi manter a coerência dos relatos das retratadas. Para reduzir as chances de informações equivocadas, todas as fontes foram visitadas e entrevistadas mais de uma vez. O ambiente das entrevistas sempre foi o local onde as mulheres viviam, de forma que o processo se tornasse o mais natural possível.

Quanto aos recursos narrativos, o projeto “Mulheres Invisíveis” utiliza texto, fotografia e vídeo para contar as histórias das quatro mulheres. O material é fragmentado em quatro abas de um site, webdocumentário e um livro-reportagem. Porém, a utilização de todos os recursos tem como objetivo construir com coesão e complementariedade uma única reportagem sobre mulheres de rua, em que cada conteúdo esteja interligado a outro.

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO

O primeiro passo do projeto “Mulheres Invisíveis” foi a definição da pauta. O tema da população em situação de rua estava sendo bastante tratado pelos veículos tradicionais em 2014. A abordagem, entretanto, seguia a linha de retratar essas pessoas como empecilhos ao desenvolvimento urbano. Dentro desse universo, surgiu o questionamento sobre as vivências das mulheres nesse ambiente tão hostil. O recorte mais específico facilitaria o aprofundamento.

Durante a seleção das fontes, o grupo enfrentou algumas dificuldades para selecionar mulheres de rua. Os requisitos eram que a pessoa não tivesse transtornos psíquicos, uma vez que isso prejudicaria a qualidade e a veracidade dos relatos, e que permanecesse um certo tempo sem estar sob o efeito de entorpecentes, pela mesma razão. As fontes ainda deveriam ter perfis variados e este objetivo foi plenamente alcançado.

Vale destacar o cuidado necessário na abordagem das entrevistadas, que foram contatadas diretamente na rua por meio de indicações e observação de espaços da cidade. Muitas mulheres se negaram a conversar com as repórteres por razões variadas. Algumas

não gostam da ideia de serem retratadas como mulheres de rua e outras temem que um ex-marido violento as encontre.

Uma das histórias contadas no projeto é a de Michele. A moça, filha de catadores, vive na rua desde os 13 anos, é usuária de crack e quase foi morta a facadas por um antigo namorado. Mas um dos episódios mais fortes que ela conta é sobre quando se prostituiu grávida de seu segundo filho e foi agredida. Aos 31 anos, hoje, Michele espera seu quinto filho e ainda é usuária de crack.

A segunda história é da mãe Elaci, 60 anos, a filha Mercedes, 27 anos, e sua vira-lata Carminha. Elas tinham uma vida estruturada e moravam em uma casa até que o marido de Elaci teve um câncer e precisou de um empréstimo para o tratamento. Ele faleceu e, com o orçamento comprometido, mãe e filha tiveram que ir viver nas ruas para quitar a dívida.

Desde então, as duas tentam manter um certo padrão de vida atípico para o ambiente. Elas preservam a higiene com banhos regulares em banheiros públicos e possuem até aparelho celular. O maior sonho das duas é voltar para uma residência, assim que a dívida for encerrada.

A última história é a de Valquíria. Aos 48 anos, vive em uma casa a céu aberto com fogão, armário e cama *box*, que são compartilhados com outras 10 pessoas aproximadamente. Durante a manhã, ela frequenta as aulas da terceira série do Ensino Fundamental e pela tarde ajuda o marido a coletar material reciclável nas ruas. Valquíria tem uma filha que já tentou acolhê-la, mas ela não se adaptou morando em um lugar com regras. Ela fugiu de carona com um caminhoneiro para voltar para a rua.

Ao longo dos quatro meses em que o projeto “Mulheres Invisíveis” esteve em andamento, foram realizadas 11 sessões de entrevista. Além disso, ainda ocorreram duas visitas ao Albergue Municipal de Porto Alegre. Depois de apurada a pauta, os quatro textos – uma abertura e três histórias de mulheres de rua – foram redigidos pelas alunas e editados em parceria com a Professora Doutora Ângela Ravazzolo, que orientou o projeto.

Um dos fatores a ser levado em consideração nesta etapa, segundo Noblat (2010, p. 72), é o contexto, pois “fora de contexto um fato pode não ter importância. Ou pode ganhar uma importância que não tem”. Com isso em mente, o grupo uniu pesquisas anteriores e entrevistas auxiliares aos relatos das personagens para produzir o conteúdo. As fotografias foram executadas e editadas por uma das integrantes do grupo. Já o webdocumentário de sete minutos foi capturado por um cinegrafista profissional e editado pelas alunas.

O projeto digital foi pensado desde seu início para ser multiplataforma. Segundo Costa (2014), os profissionais do jornalismo precisam aderir aos novos formatos. “Para tanto, a nova redação do jornalismo digital deve estar preparada para produzir conteúdo multimídia capaz de rodar em plataformas diversas – web, tablets, celulares e múltiplas mídias sociais” (COSTA, 2014, p. 91).

Pensando nisso, o site do projeto “Mulheres Invisíveis” pode ser acessado em diversos suportes e a partir dos principais sistemas operacionais disponíveis. Segundo Ferrari (2010, p. 50), “a web introduziu aos jornalistas novas formas de escrever”. O livro-reportagem contém os mesmos textos disponíveis no site e fotografias extras, diagramado com design atraente que balanceia texto e imagens. Texto, fotografia e vídeo devem estar em convergência para construir uma única narrativa.

6 CONSIDERAÇÕES

Tratar de pessoas em situação de rua, em particular uma parcela ainda mais fragilizada dessa população, que é o caso das mulheres, é um grande desafio para o jornalismo. Porém, trata-se de um desafio que se impõe como necessário. Quanto mais visibilidade a mídia tradicional dá a questões que envolvem as pessoas de rua, mais indispensável se torna ouvir suas vozes.

Para a abordagem e realização das entrevistas com as mulheres de rua, foi necessário tato. Os relatos são impactantes e sensibilizam também as entrevistadas. Durante a redação do texto, as histórias não deveriam ser minimizadas ou retratadas de forma sensacionalista. Da mesma forma, fotografias e webdocumentário foram feitos.

Apresentar a história de mulheres que vivem nas ruas por meio de uma abordagem humanizada é um recurso que quebra preconceitos. O projeto “Mulheres Invisíveis” tem esse objetivo. A partir do conteúdo de diferentes mídias, uma história única é contada e o público se aproxima de realidades antes muito distantes.

O resultado desconstrói o estereótipo da mulher em situação de rua ao trazer histórias completamente distintas. Algumas pessoas podem estar na rua por opção, outras ainda têm esperança de se reestruturar e umas tantas, apesar de não gostarem de como vivem, não se veem em outra realidade.

Para discutir a condição dessas pessoas e políticas públicas mais eficientes que os envolvam, a melhor opção é se informar sobre o tema e incluir a população de rua como

fonte sobre si mesmos. O debate público pode incorporá-los em uma perspectiva mais de direitos humanos e menos de problema social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócio para o jornalismo digital. **Revista de Jornalismo da Espm**. São Paulo, n. 9, p. 51-115, abr/maio/jun, 2014.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2010.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

FURTADO, Thais. **O aprofundamento como caminho da reportagem de revista**. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2010.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Cadastro da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre - 2011**. Porto Alegre, 2012; Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/cadastro_da_populacao_adulta_em_situacao_de_rua_-_porto_alegre_2012.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2015.